

A Rússia 20 anos depois

O FINAL DA GUERRA FRIA e a desagregação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) implicaram alterações profundas no mapa geopolítico e estratégico europeu. O surgimento de quinze novas repúblicas¹, diversas nos seus contextos internos, levou a uma redefinição do antigo espaço soviético, que apesar da tentativa de agregação no quadro da Comunidade de Estados Independentes (CEI)² se revelou uma área com redes complexas de relacionamento. Neste quadro, a Federação Russa assumiu as responsabilidades centrais da antiga União, incluindo o controlo do arsenal nuclear soviético, bem como o assento em várias organizações internacionais, e muito particularmente o lugar permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas. Mas a alteração operada implicou também uma redução no estatuto, dimensão e recursos da Rússia, diminuindo a sua centralidade no contexto internacional. O processo de transição e ajuste, que se inicia com o final da Guerra Fria, marcará profundamente o desenho da Rússia actual, na procura de manutenção de influência, de afirmação de estatuto de poder e de redefinição identitária. Uma nova conjuntura a exigir uma nova postura perante a área regional pós-soviética e para além desta.

A Rússia pós-soviética

Importa neste contexto notar que a desagregação da URSS enquanto entidade política implicou também a desagregação de um conjunto de elementos unificadores, em particular, coesão ideológica, planificação e governação política e económica centralizada no Partido Comunista, e referencial identitário. As suas implicações no processo de transição que se seguiu são evidentes, face ao esforço de transição para um modelo de governação que a Rússia nunca antes havia experimentado, às novas fronteiras e reajustamentos nas relações com uma vizinhança instável e heterogénea, bem como relativamente à redefinição do papel e lugar da Rússia na Europa e no mundo.

Deste modo, as duas últimas décadas assistiram a mudanças profundas no espaço pós-soviético, com a Rússia a assumir-se gradualmente como actor central nesta área e a

reposicionar-se como uma potência no sistema internacional. O percurso de transição que se seguiu foi moldando o que a Rússia é hoje, não se tratando de um regresso ao comunismo soviético ou à experiência da democracia liberal, mas antes à delineação de um estilo de governação centralizado e autoritário, cunhado como ‘democracia soberana’. Neste processo, a construção identitária da Rússia, ainda em definição, tem sido um elemento fundamental. A readaptação e busca de referenciais revelam-se fundamentais na definição das políticas pós-soviéticas, num contexto em que a Rússia já não é a União Soviética, em que o espaço CEI já não é o espaço soviético, em que as fronteiras da Rússia já não são as do antigo bloco, em que o Pacto de Varsóvia, referencial militar, é extinto. Ou seja, a “Rússia [é um] outro Estado que antes não existia no mapa político ou geográfico global”³.

Esta leitura tem implicações profundas no modo como a Rússia se relaciona com a sua vizinhança e participa na gestão de uma área alargada e volátil que entende como parte fundamental da sua esfera de influência. De facto, os documentos de referência em matéria de política externa sublinham claramente a primazia do espaço CEI enquanto área preferencial de actuação, seguida pelas dimensões ocidental (sumariamente, relações com a

União Europeia, Estados Unidos da América, Organização do Tratado do Atlântico Norte) e oriental (incluindo relações com a China, a Índia e no âmbito da Organização de Cooperação de Xangai), enquanto vectores estruturantes da sua política externa.

A Rússia no contexto internacional

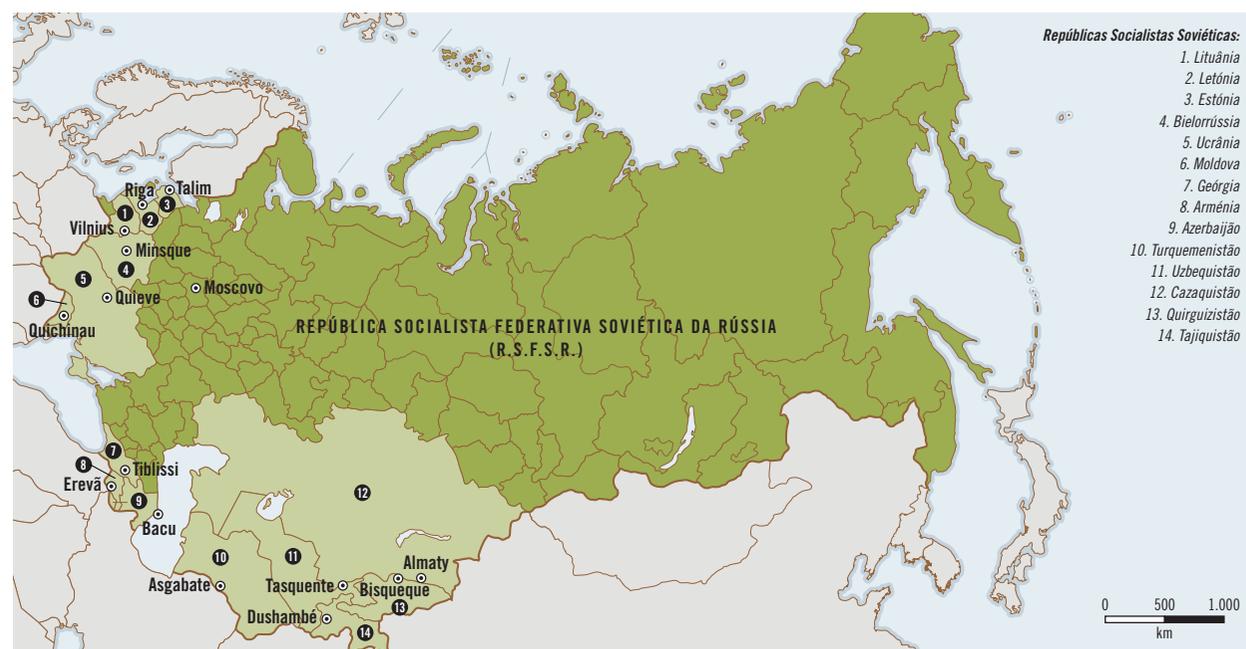
No entanto, deve ser sublinhado que o espaço CEI é um espaço heterogéneo, onde a Rússia não exerce influência sem limites. De facto, tal como a Rússia sofreu um processo de ajustamento estrutural e conjuntural, todas estas novas repúblicas, algumas delas independentes pela primeira vez, também têm feito o seu próprio percurso, sublinhado pela afirmação da sua autonomia e independência, com maior ou menor sucesso. Isto significa que a Rússia hoje é de facto uma entidade distinta da antiga URSS, e que as suas relações de vizinhança traduzem de forma clara esta mesma diferenciação. As relações de maior proximidade que mantém com países como a Arménia, Moldova ou Tajiquistão não são comparáveis à autonomia das políticas externas de repúblicas como o Azerbaijão, Cazaquistão ou Geórgia. Esta assimetria no relacionamento russo com as antigas repúblicas soviéticas é clarificadora das mudanças operadas, ajudando também a compreender determinadas orientações e decisões políticas tomadas pelas autoridades em Moscovo, e os posicionamentos assumidos em várias capi-

tais destes Estados, nomeadamente em termos de políticas energéticas ou de processos de integração regional.

“
A Rússia (...) é novamente uma grande potência, (...) consolidou-se internamente e construiu as bases para uma política de projecção e afirmação a nível externo.”

A adicionar à complexidade destas relações temos os conflitos violentos que emergiram no contexto da transição e que permanecem por resolver nos casos de violência interestatal entre a Arménia e o Azerbaijão relativamente ao Nagorno-Karabakh, e intraestatal na República da Moldova, com a região separatista da Transnistria, e na Geórgia, onde a situação não clarificada do estatuto das repúblicas da Abcázia e Ossétia do Sul, reconhecidas como independentes pela Rússia após o conflito violento do Verão de 2008, tem suscitado controvérsia no plano internacional. Mas mais do que analisar estas questões particulares, importa sublinhar aqui o envolvimento da Rússia e o modo como esta procura moldar respostas e desenvolvimentos favoráveis à sua política de afirmação internacional.

A Rússia esteve envolvida em todos estes conflitos armados, assumindo a sua parcialidade, e envolveu-se posteriormente em todos os



União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Adaptado de: http://www.hymn.ru/15-union-republics/soviet_pol89.jpg

processos de gestão dos diferendos com vista ao encontro de uma solução política. A resultante postura ambivalente tem gerado dificuldades na gestão dos problemas, sendo que a perpetuação de instabilidade e de uma presença alargada, inclusive em termos militares, tem permitido à Rússia reafirmar-se em áreas onde o envolvimento de terceiros tem vindo a questionar a sua primazia. E esta abordagem, combinando meios militares com meios económicos, e mesmo acções de diplomacia pública, forjando a consolidação do interesse nacional russo, revela os mecanismos de actuação da Rússia gizando a sua maior integração e influência no sistema internacional. Apesar de esta orientação ter sido delineada ainda durante a presidência de Boris Ieltsin, é já com Vladimir Putin no poder (2000-2008) que esta se consolida. A Rússia, vinte anos depois do final da URSS, é novamente uma grande potência, está presente nos principais fóruns internacionais, como o Conselho de Segurança das Nações Unidas, G8 e G20 e, assumindo um processo de transição pós-soviético muito próprio, consolidou-se internamente e construiu as bases para uma política de projecção e afirmação a nível externo. As relações nos outros níveis vectoriais, especialmente a ocidente, têm estado marcadas por linhas de tensão. Não se assumindo o discurso exagerado de uma nova Guerra Fria, os anos de 2007 e 2008, culminando na intervenção armada na Geórgia, marcaram a dissensão entre orientações e entendimentos

distintos, relativamente a questões como o escudo de defesa anti-míssil norte-americano, o alargamento da OTAN, a renovação do Acto Fundador com a União Europeia, ou a ratificação do Tratado CFE II, entre outros. Temas quentes nas agendas, que perturbaram a consolidação das denominadas 'parcerias estratégicas', apesar de as partes afirmarem em diversos momentos a relevância do diálogo e da cooperação. No entanto, a necessidade de conferir substância a estas parcerias é muito clara, apesar das dificuldades implicadas a nível discursivo, interpretativo, e operacional. Na dimensão oriental, as relações com a China, e em particular as acções desenvolvidas no âmbito da actuação da Organização de Cooperação de Xangai, são também marcadas por dissensão, sendo notória a lógica de dupla contenção identificável neste quadro: Rússia-China, e em paralelo, minimizar o envolvimento de terceiros no espaço pós-soviético, particularmente os EUA.

As fragilidades internas e a 'nova' Rússia

No entanto, e apesar do crescimento económico e do processo de consolidação política e social em curso, as fragilidades são muitas. Uma economia em ampla escala vocacionada para a exploração de recursos energéticos, com especial ênfase para o gás natural e petróleo, revela a volatilidade que subjaz aos índices de crescimento que acompanharam a

RESET POLICY: NOVA POSTURA, VELHAS AGENDAS

As eleições presidenciais nos EUA e na Federação Russa, em 2008, permitiram uma alteração substancial nas relações bilaterais. Apesar do verão quente com a guerra na Geórgia a marcar as agendas, as presidências Obama e Medvedev, têm trabalhado desde então no sentido de ultrapassar os diferendos mais marcantes e de retomar o diálogo nos temas fundamentais que norteiam as suas relações. A *reset policy*, resultado da sugestiva expressão de premir o *reset button* relativamente às dificuldades vincadas neste relacionamento, implicado um posicionamento mais flexível e a criação de um ambiente favorável a uma cooperação mais estreita, tem de facto sublinhado um entendimento mais construtivo. Este tem sido extensível a temas delicados, como o Irão, nomeadamente o programa nuclear iraniano e a participação russa no mesmo, ou o Afeganistão, não só nos termos do envolvimento dos EUA no terreno, como num âmbito mais abrangente, a presença militar norte-americana numa área estratégica fundamental para a Rússia. Importa ressaltar aqui o reconhecimento da relevância da Rússia nestas matérias, quer em termos de orientação política quer de actuação no terreno. Outros temas, como o alargamento da OTAN ou forças convencionais na Europa, permanecem foco de dissensão. Aliás, é de sublinhar a publicação da doutrina militar russa em inícios de 2010, ou mesmo a proposta de criação de um Tratado Europeu de Segurança, como elementos indicativos da postura russa, sublinhando claramente o desejo de uma nova configuração da arquitectura de segurança europeia não-centrada na OTAN. Fazendo parte da estratégia de afirmação da Rússia como grande potência no sistema internacional, estas iniciativas conferem substância à sua postura e desejo de reconhecimento internacional, com resultados concretos. Contudo, com reservas, pois a nova postura associada à *reset policy* precisa ainda provar o seu cariz inovador e criativo na gestão de velhas agendas.

Rússia nos últimos anos, mantendo-se genericamente nos 7% anuais entre 2000 e 2008, e caindo significativamente nessa altura, devido ao impacto da crise financeira internacional do Outono de 2008, evidência da dependência russa das flutuações dos preços mundiais da energia. Esta é, no entanto, uma fragilidade reconhecida, e o actual presidente, Dmitri Medvedev, tem sublinhado a necessidade de diversificar o investimento sectorial a nível económico no sentido de colmatar uma lacuna

fundamental. O discurso oficial aponta para as capacidades e os recursos existentes, como fundamentando uma retórica de recuperação e de nova consolidação de uma rota de crescimento, com impacto a nível interno e no plano externo.

A Rússia vinte anos depois é um país diferente, uma 'nova' Rússia, que carrega no entanto o legado de um passado autoritário e de cariz imperial. Isto significa que os novos contextos não correspondem necessariamente a novos referenciais. As mudanças são visíveis, quer em indicadores materiais como a questão demográfica (aliás problemática, dado o decréscimo acentuado a nível populacional com que a Rússia se depara) ou diminuição da sua área geográfica, quer em indicadores subjectivos, como a inversão do peso da ideologia no novo contexto. Contudo, a perpetuação do autoritarismo e da aspiração de grandeza é uma herança que permanece forte na Rússia de hoje. Uma 'nova' Rússia. ■



Federação Russa. Fonte: CIA World Factbook – Russia.

Notas

- 1 Arménia, Azerbaijão, Bielorrússia, Cazaquistão, Estónia, Geórgia, Letónia, Lituânia, Moldova, Quirguistão, Rússia, Tadjiquistão, Turquemenistão, Ucrânia, e Uzbequistão.
- 2 Das quinze repúblicas pós-soviéticas, os três estados do Báltico não se associaram à CEL.
- 3 Kortunov, S. V. (2000) "The Fate of Russia: Several Observations on 'New' Russian identity", in Fredin, Gregory (org), Russia at the End of the Twentieth Century: Culture and its Horizons in Politics and Society. Stanford: Stanford University, p. 7.